

A tradição oral timorense (re)construída pelo literário: uma análise proppiana do conto “Lakuwatu e o rei dos morcegos”, de Geraldo Costa

Janaina Santos Silva Soggia* 

Contextualização da questão identitária timorense

Para entender a importância da tradição oral na constituição da identidade timorense, é de extrema relevância contextualizar as particularidades e riquezas que envolvem o Timor-Leste. País localizado no sudoeste asiático, representa a área oriental da ilha de Timor e faz fronteira com a Província Indonésia de Nusa Tenggara Timur, banhada pelos mares de Banda, no Oceano Pacífico, e de Timor, no Oceano Índico. De acordo com o *site* oficial do país, trata-se da

[...] menor e mais oriental das ilhas do arquipélago malaio. Situa-se a cerca de 550 km ao Norte da Austrália. De Timor-Leste fazem parte também o enclave costeiro de Oecussi-Ambeno situado no Timor Ocidental, e as ilhas de Ataúro e Jaco. É o único país independente na Ásia de língua oficial portuguesa. (TIMOR-LESTE, 2023).

Tendo Díli como capital, possui uma área de 15.007 km², sendo organizada em 13 distritos e 67 subdistritos. Quanto aos aspectos etnográficos, apresenta a maioria da população de origem malaio-polinésia e papua, tendo minoria de chineses, árabes e europeus. Dispõe da língua portuguesa e do tétum como línguas oficiais, contando com o inglês e o indonésio como línguas de trabalho e cerca de 15 línguas nativas.

O Timor-Leste esteve sob domínio português por 460 anos (de 1515 a 1975) e, menos de um mês depois da declaração da sua independência de Portugal, o país foi invadido pela Indonésia, que lá ficou instalada durante 24 anos. Os timorenses venceram os indonésios por meio de intensas guerrilhas, levando a Organização das Nações Unidas (ONU) a interferir no cenário avassalador do local. A partir disso, a ONU administrou o país até o ano de 2002, quando conquistou sua independência, no chamado Dia da Restauração da Independência:

Finalmente a 18 de setembro de 1999 partiu um contingente de ‘capacetes azuis’ das Nações Unidas, uma força militar internacional composta inicialmente de 2500 homens, depois aumentados para 8 mil, incluindo australianos, britânicos, franceses, italianos, malaios, norte-americanos, canadenses e outros, além de brasileiros e argentinos. A missão da força de paz, chefiada pelo brasileiro Sérgio Vieira de Mello, era a de desarmar os milicianos e auxiliar

* Doutoranda em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Literatura na Escola Concept - São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. *E-mail*: profa.janasoggia@gmail.com

no processo de transição e na reconstrução do país. [...] Foram realizadas eleições para a Assembleia Constituinte que elaborou a actual Constituição de Timor-Leste, que passou a vigorar no dia 20 de maio de 2002, quando foi devolvida a soberania ao país passando este dia a ser assinalado como Dia da Restauração da Independência. (TIMOR-LESTE, 2023).

De acordo com Urban (2017), ressalta-se que, durante o domínio indonésio, a língua portuguesa, falada por cerca de 20% dos timorenses, foi proibida. A intenção era manter a população submissa por meio do analfabetismo de uma grande parcela do povo.

Todas essas questões repercutiram em cicatrizes que ocasionaram grandes transformações culturais. A língua portuguesa, mesmo não sendo falada por uma expressiva parte da população (que faz uso das línguas nativas) representa uma forma de resistência e construção identitária.

A valorização da literatura oral timorense

Diante de tantas atrocidades e apropriações experienciadas pelo povo timorense ao longo dos anos, desde a colonização portuguesa até a invasão indonésia, constata-se a crescente busca por uma (re) construção da identidade e cultura nacionais, e a literatura de tradição oral desempenha um importante papel nesse sentido. Como atesta Paulino¹ (2017, p. 157):

Os timorenses valorizam as suas narrativas de origem, herdadas dos seus antepassados, na forma de lendas, contos, fábulas e mitos. Nas cerimónias rituais, tais como os ritos de consagração de casas sagradas e os ritos agrícolas, são invocadas personagens das narrativas de origem – divindades supremas e divindades intermédias, como espíritos da natureza e espíritos dos antepassados.

A função do narrador em histórias transmitidas de geração em geração é fundante, haja vista a presença de uma figura mítica e original que (re)conta narrativas construídas pelo coletivo. Sendo assim, postula Paulino (2017, p. 157), “o narrador é mais do que um simples indivíduo, que tem o dom de narrar coisas reais ou fictícias”. Por essa razão, os colecionadores ou compiladores de lendas devem demonstrar reconhecimento por essa importante função na construção narrativa, uma vez que os narradores colaboram “com a imaginação dos autores anónimos, no sentido de recuperar e revalidar a história, que, em certos casos, sofreu modificações de narrador para narrador, ou de geração em geração”. (PAULINO, 2017, p. 157).

Paulino (2017), com base nos estudos desenvolvidos por Nuno S. Gomes (2008), afirma que a “sabedoria do povo está, fundamentalmente, condensada numa filosofia de vida expressa em formas de literatura popular de transmissão oral, de que se destacam os provérbios, as lendas, os mitos, as fábulas e os contos tradicionais populares”. (GOMES *apud* PAULINO, 2017, p. 158). Desse modo, vale endossar que

¹ Todas as menções textuais extraídas do estudo *As lendas do Timor e a literatura oral timorense*, de Vicente Paulino, mantiveram a grafia original em português timorense.

a tradição dos contos orais timorenses representa uma espécie de tesouro nacional, por meio do qual a cultura, a história, bem como a identidade deste povo, se preserva e retroalimenta. Daí a necessidade de se olhar o passado como uma amálgama de tradições e valores que propiciam “aos indivíduos uma identidade étnica, estabelecendo simultaneamente uma identidade coletiva, no sentido de cultivar as características comunais com vista à identidade nacional” (PAULINO, 2017, p. 161).

Com base nessas constatações, reitera-se a noção de que as culturas e as tradições orais elucidam a memória do povo, ao passo que conectam presente-passado-futuro. O Timor-Leste é um país dotado de uma história ímpar, repleta de episódios dispersos em variadas publicações.

Durante a era do Timor Colonial, grande parte da literatura de tradição oral local foi compilada por missionários, militares, funcionários e estudiosos das mais diversas nacionalidades (brasileiros, americanos, australianos e indonésios). Grande parte dessas produções foram publicadas de forma escrita em coletâneas e, individualmente, em periódicos. Como afirma Paulino (2017, p. 169):

No caso de Timor-Leste, as lendas, os mitos e os contos populares, assim como as canções tradicionais timorenses, foram publicadas primeiramente nos anos 50 do século XX, lançando as bases de um novo ciclo de literatura escrita timorense – a maioria de expressão portuguesa.

Com isso, evidencia-se que a literatura timorense nasce da contação e do registro daqueles que viveram no Timor, escrevendo/relatando a cultura, os usos e os costumes timorenses. Vale ressaltar que, ao se utilizar a língua portuguesa como oficial do país, tenciona-se reforçar a identidade nacional do Timor. De modo que as narrativas orais transmitidas para o suporte escrito representam, em verdade, a memória coletiva e o patrimônio cultural timorenses.

A Morfologia do conto maravilhoso, por Vladimir Iakovlevich Propp

A tradição oral remonta uma necessidade humana e original de compreender os elementos e as circunstâncias que permeiam o mundo desde os primórdios. Por meio dos contos, lendas, relatos e mitos as sociedades antigas construíram sua cultura, identidade e imaginário coletivo. Por intermédio dessas narrativas orais, passadas de geração em geração, os sábios e anciãos transmitiram ensinamentos éticos e morais, bem como concepções de mundo e crenças, constituindo, assim, a memória dos povos.

De acordo com Gotlib (2000), os estudos acerca dos contos passaram a ser estruturados a partir do século XVII, na Europa, com base nas compilações e recolhimentos desenvolvidos por Charles Perrault, na França, pelos Irmãos Grimm, na Alemanha, e por Hans Christian Andersen, na Dinamarca. Esses estudiosos contribuíram para a disseminação de histórias que, até então, faziam parte do imaginário coletivo, porém, não haviam sido publicadas de forma escrita.

Já no século XX, em 1928, o acadêmico estruturalista russo, Vladimir Iakovlevich Propp, em sua obra *Morfologia do conto maravilhoso*, sistematizou um fundante estudo acerca da estrutura dos contos que, inicialmente, eram transmitidos oralmente, os chamados contos maravilhosos (contos de fada), ou nos termos do autor: *contos de magia*.

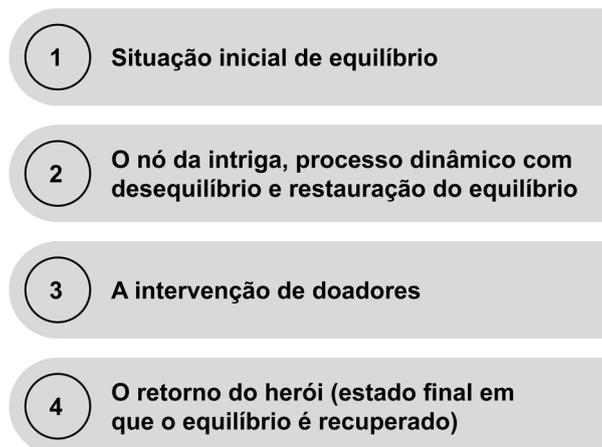
Propp (2001, p. 51) conceitua *contos de magia* como sendo:

[...] todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano ou uma carência e passando por funções intermediárias, termina com o casamento ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa, obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano, o salvamento da perseguição, etc. A este desenvolvimento damos o nome de **Sequência**. A cada novo dano ou prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova sequência. Um conto pode compreender várias sequências e quando se analisa um texto deve-se determinar, em primeiro lugar, de quantas sequências esse texto se compõe. Uma sequência pode vir imediatamente após a outra, mas também podem aparecer entrelaçadas, como se se detivessem para permitir que outra sequência se intercale. Isolar uma sequência nem sempre é fácil, mas sempre é possível fazê-lo e com absoluta precisão. Contudo, mesmo tendo definido convencionalmente o conto como uma sequência, isto não significa, ainda, que o número de sequência corresponda rigorosamente ao número de contos. Alguns procedimentos particulares, paralelismos, repetições etc., fazem com que um conto possa ser composto de várias sequências.

A partir da designação dos contos de magia, Propp atesta que toda narrativa começa por meio de uma situação inicial, na qual “enumeram-se os membros de uma família, ou o futuro herói (por exemplo um soldado) é apresentado simplesmente por menção de seu nome ou indicação de uma situação” (PROPP, 2001, p. 19). Após o preâmbulo, o enredo é construído a partir de quatro sequências, nas quais as personagens desempenharão o que o estudioso russo chamará de *funções*, ou seja, “ações iguais a personagens diferentes. Isso nos permite estudar os contos a partir das funções dos personagens” (PROPP, 2001, p. 16).

No que diz respeito às quatro sequências realizadas pelas personagens, Propp (2001) sistematiza-as da seguinte forma:

Figura 1 - Sequência proppiana.



Fonte: elaborada pela autora (2023).

Segundo Propp (2001), após a situação inicial, são enumeradas as 31 funções a serem desenvolvidas pelas personagens no desenrolar do enredo. Vale ressaltar que, embora sejam funções fixas, o estudioso russo afirma que não é imprescindível a presença da totalidade das funções em um conto:

As observações apresentadas podem ser formuladas brevemente nos seguintes termos:
 I - *Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto.*
 II - *O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado.*
 III - *A sequência das funções é sempre idêntica.* (PROPP, 2001, p. 16-17).

Com base nessas premissas, Propp (2001) designa as 31 funções dispostas na tabela a seguir:

Figura 2 - Funções proppianas.

31 funções designadas por Vladimir I. Propp

1 Afastamento	11 Partida	21 Perseguição
2 Proibição	12 Primeira função do doador	22 Salvamento, resgate
3 Transgressão	13 Reação do herói	23 Chegada incógnito
4 Interrogatório	14 Fornecimento (recepção do meio mágico)	24 Pretensões infundadas
5 Informação	15 Deslocamento de espaço	25 Tarefa difícil
6 Ardil (engano)	16 Combate	26 Realização
7 Cumplicidade	17 Marca, estigma	27 Reconhecimento
8 Dano	18 Vitória	28 Desmascaramento
9 Mediação	19 Reparação do dano	29 Transfiguração
10 Início da reação	20 Regresso	30 Castigo, punição
		31 Casamento

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Tendo tais conceituações acerca da morfologia dos contos maravilhosos, segundo Vladimir I. Propp, será analisado o conto “Lakuwatu e o rei dos morcegos”, de Geraldo Costa.

A reconstrução da tradição oral timorense pelo literário em “Lakuwatu e o rei dos morcegos”, de Geraldo Costa

O conto em análise foi extraído da obra destinada ao público infantojuvenil *A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste*, de Geraldo Costa, publicada em 2012, pela Editora FTD, ilustrada por Maurício Negro.

Geraldo Costa é escritor, pedagogo e analista social. Lecionou no Ensino Fundamental e atuou na formação de educadores. A motivação para a escrita desta obra parte da experiência do autor quando morou no Timor-Leste por alguns anos, bem como de seu gosto por ouvir e contar histórias. No prefácio do livro, afirma Costa (2012, p. 9):

[...] logo me interessei em conhecer as histórias que o povo de lá conta e resolvi recontar algumas neste livro, do meu jeito.
Algumas dessas histórias nasceram lá mesmo. Outras foram ouvidas dos portugueses que chegaram à terra em busca do perfumado sândalo e outras riquezas, há cerca de 500 anos. Outras ainda foram contadas por indonésios, chineses e outros povos que viveram no Timor. Mas todas receberam as cores do lugar e são contadas de um jeito diferente pelo povo de lá. São histórias que me encantaram e espero encantar você também.

A partir desse convite ao leitor, o livro se constitui por dez contos, respectivamente descritos: “A espada de ouro”; “O tesouro de Kaibosi”; “Maukai e Lekibeti”; “Lakuwatu e o rei dos morcegos”; “O macaco e o crocodilo”; “Lakulekoi e os animais”; “Os gêmeos marcados”; “A mulher pombo”; “A esperteza do garnisé”; e “A ilha do crocodilo”.

Esta análise pretende conectar na narrativa oriunda da tradição oral timorense “Lakuwatu e o rei dos morcegos” à estruturação proposta por Propp em *Morfologia do conto maravilhoso*. Para tanto, duas postulações serão propostas: levantar as funções proppianas presentes no conto, e explorar as sequências realizadas pelas personagens do conto.

O conto se inicia colocando em cena a voz do narrador que remonta as histórias que eram passadas oralmente, de geração em geração, situando a história que será relatada em um tempo indeterminado, na região de Kaisido, no município de Baucau (Timor-Leste):

Contam que há muitos e muitos anos, um homem chamado Lakuwatu vivia com sua família na região de Kaisido. Ele fabricava a melhor bebida da região, um vinho feito do tronco da palmeira, chamado Tuasabu.
‘Essa vai dar muito vinho e do bom!’ Depois de preparar ali mesmo seu vinho, ele o colocou num grande tubo de bambu e o amarrou no tronco da palmeira, para apanhar o sereno da madrugada. (COSTA, 2012, p. 31).

Ao constatar a riqueza do vinho produzido, Lakuwatu decide guardá-lo em um grande tubo de bambu para tomar o sereno da noite, de modo a deixá-lo ainda mais saboroso. Essa abertura da narrativa corresponde à *situação inicial*, na qual o narrador apresenta a personagem central, Lakuwatu, e situa-a no fio do enredo. Segundo Propp (2001), a partir desse momento, a personagem começa a desempenhar as respectivas funções.

A título de contextualização, será aplicada a estruturação proppiana das 31 funções na narrativa de “Lakuwatu e o rei dos morcegos”. Ressalta-se que as funções que, eventualmente, não apresentarem conexão com o conto serão marcadas pelo símbolo (–):

1. **Um dos membros da família sai de casa (Afastamento):** Lakuwatu encontra uma palmeira um pouco distante de sua casa.
2. **Impõe-se ao herói uma proibição (Proibição):** Lakuwatu prepara um belo vinho naquele mesmo local, amarra-o em um grande tubo de bambu para que tomasse o sereno da madrugada e volta para casa. No dia seguinte, Lakuwatu não encontra o vinho que deixara no dia anterior.
3. **A proibição é transgredida (Transgressão):** Lakuwatu decide se esconder para descobrir quem havia roubado seu vinho. Quando se depara com um grande morcego.
4. **O antagonista procura obter uma informação (Interrogatório):** o grande morcego alega estar cumprindo ordens, e leva Lakuwatu até seu patrão.
5. **O antagonista recebe informações sobre a sua vítima (Informação):** o rei dos morcegos, ao se deparar com Lakuwatu, prende-o em uma gruta escura e fria.
6. **O antagonista tenta ludibriar sua vítima para apoderar-se dela ou de seus bens (Ardil, engano):** o rei dos morcegos, ao prender Lakuwatu, alega que o prisioneiro, dali em diante, fabricaria seu delicioso vinho pelo resto de seus dias.
7. **A vítima se deixa enganar, ajudando desta maneira, involuntariamente, seu inimigo (Cumplicidade):** sem alternativa, Lakuwatu fica preso dentro da gruta fria e escura. Como trazia um cajado feito com madeira de sândalo, acende-o para se aquecer.
8. **O antagonista causa dano ou prejuízo a um dos membros da família (Dano):** Lakuwatu é preso.
9. **É divulgada a notícia do dano ou da carência, faz-se um pedido ao herói ou lhe é dada uma ordem, mandam-no embora ou deixam-no ir (Mediação):** o rei dos morcegos ao sentir o cheiro de sândalo que vinha da gruta do prisioneiro, ordena que no dia seguinte, à noite, os soldados levem Lakuwatu para buscar mais dessa lenha, caso trouxesse, estaria livre.
10. **O herói-buscador aceita ou decide, reagir (Início da reação):** Lakuwatu aceita a proposta.
11. **O herói deixa a casa (Partida):** no dia seguinte, Lakuwatu leva os morcegos ao lugar indicado, perto da praia.

12. **O herói é submetido a uma prova; a um questionário; a um ataque etc., que o preparam para receber um meio ou um auxiliar mágico (Primeira função do doador):** os morcegos apanham muito sândalo com o auxílio de Lakuwatu.
13. **O herói reage diante das ações do futuro doador (Reação do herói):** tendo em mente que não seria liberto, haja vista os morcegos já estarem levando-o novamente à prisão, Lakuwatu pede para ver sua família por uma última vez, ainda que ao longe.
14. **O meio mágico passa às mãos do herói (Fornecimento):** os morcegos permitem que Lakuwatu vá à sua casa.
15. **O herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura (Deslocamento de espaço):** Lakuwatu foi levado pelos morcegos à sua casa, e consegue escapar das garras dos morcegos, adentrando em sua casa. Para sua “sorte” a casa estava cheia de gente, o que amedronta os bichos perseguidores. Lakuwatu fica curioso para saber o porquê de toda aquela gente, então, descobre que se tratava de seu funeral.
16. **O herói e seu antagonista se defrontam em combate direto (Combate):** —
17. **O herói é marcado (Marca, estigma):** Lakuwatu se entristece e indigna-se ao ver que haviam desistido dele, sem terem tentado encontrá-lo. A decepção o marca ferozmente.
18. **O antagonista é vencido (Vitória):** o rei dos morcegos perde para Lakuwatu, entretanto, o protagonista não retoma sua vida, haja vista o fato de terem dado-o como morto.
19. **O dano inicial e/ou a carência são reparados (Reparação do dano):** há o reparo do sequestro de Lakuwatu, mas não há o perdão deste a seus conhecidos.
20. **Retorno do herói (Retorno):** Lakuwatu consegue enganar os morcegos e adentra em sua casa.
21. **O herói sofre perseguição (Perseguição):** —
22. **O herói é salvo da perseguição (Salvamento, resgate):** —
23. **O herói chega incógnito à sua casa ou a outro país (Chegada incógnito):** ao constatar o distrato de seus conhecidos, Lakuwatu foge para uma praia perto das matas de sândalo, vivendo junto do mar em uma cabana construída à sombra de uma grande pedra.
24. **Um falso herói apresenta pretensões infundadas (Pretensões infundadas):** —
25. **É proposta ao herói uma tarefa difícil (Tarefa difícil):** —
26. **A tarefa é realizada (Realização):** —
27. **O herói é reconhecido (Reconhecimento):** —
28. **O falso herói ou antagonista ou malfeitor é desmascarado (Desmascaramento):** —
29. **O herói recebe nova aparência (Transfiguração):** —

30. O inimigo é castigado (Castigo, punição): –

31. O herói se casa e sobe ao trono (Casamento): Lakuwatu vive o resto de seus dias nessa praia, até sua morte. Sua família o enterra ali mesmo, debaixo da rocha, sendo, metaforicamente, seu último trono, sua última morada.

Partindo das funções desenvolvidas por Lakuwatu ao longo da narrativa, serão analisadas, então, as sequências presentes no conto, com base na morfologia proppiana.

As sequências proppianas realizadas pelo protagonista de “Lakuwatu e o rei dos morcegos”

Tendo como base as quatro sequências postuladas por Vladimir Propp (2001), anteriormente apresentadas neste estudo, objetiva-se analisar a construção da narrativa do conto “Lakuwatu e o rei dos morcegos”.

Nota-se a “**Situação inicial de equilíbrio**”, quando é feita a apresentação da personagem central, Lakuwatu, um importante produtor de vinhos da região de Kaisido, em Baucau, ao norte do Timor-Leste, preparando um vinho feito do tronco da palmeira de nome Tuasabu. Ao fazê-lo, Lakuwatu reflete que seria interessante deixar o vinho receber o sereno da madrugada, ação que o deixaria ainda mais saboroso. E assim o fez.

A partir dessa introdução, surge o “**Nó da intriga: processo dinâmico com desequilíbrio e restauração do equilíbrio**”, quando Lakuwatu retorna no dia seguinte e não encontra o vinho que escondera na noite anterior. Para tanto, tenta armar uma emboscada para desvendar o ladrão que teria roubado seu vinho:

Ele então foi à sua casa e pegou outro vinho num vasilhame de bambu e amarrou-o no tronco da palmeira. Trouxe também umas tábuas e improvisou uma cama para passar a noite ali.
“Esta noite eu pego o ladrão que levou meu vinho. Ah, se pego!”
Lakuwatu ficou acordado até depois da meia-noite para ver se apanhava o ladrão. De madrugada, ainda em escuro, viu chegar um morcego bem grande que foi logo colocando as garras no vasilhame que continha o vinho.
– Ahan! Peguei você, seu ladrão de uma figa! – gritou Lakuwatu, agarrando as pernas do bicho. (COSTA, 2012, p. 31-32).

Ao desvendar o autor do roubo, Lakuwatu é surpreendido pela resposta dada pelo morcego justificando o feito. Ele teria agido para cumprir as ordens que recebera de seu rei. Nesse momento, restabelece-se, parcialmente, o equilíbrio, uma vez que o morcego atesta a Lakuwatu que o levaria até o mandante do roubo:

– Calma, velho! Só estou cumprindo as ordens do meu rei – disse o morcego, se esforçando para escapar das mãos do homem, que o seguravam fortemente.
– Ah, é? E onde está este maldito rei, ladrão do vinho alheio?

– Posso levar você à casa dele, se quiser – respondeu o morcego. Lakuwatu disse que queria muito ir e o morcego o agarrou pela gola da camisa, voando com ele para longe. (COSTA, 2012, p. 32).

Importante reforçar que o nó da intriga representa um processo dinâmico contendo desequilíbrio e a restauração do equilíbrio. E, a cada novo dano, surge uma nova sequência, ou seja, equilíbrio e desequilíbrio alternam-se nesse tipo de sequência.

Quando Lakuwatu e o morcego chegam ao alto do monte, adentram em uma grande caverna, a fim de falarem com o rei dos morcegos. Para surpresa de Lakuwatu, o rei era imenso, o que o deixou apavorado. O desequilíbrio se instaura novamente quando é dada a ordem de aprisionar Lakuwatu:

Sob as ordens do rei, vários morcegos agarraram-no e depois o meteram numa gruta escura e fria nos fundos da caverna e taparam a entrada da gruta com uma pedra.

– Agora, ele vai fabricar esse delicioso vinho para nós, a vida toda – disse o rei dos morcegos. Dentro da gruta, Lakuwatu sentia muito frio. Como tinha uns fósforos no bolso, acendeu um deles e fez um fogo pequeno com o cajado que trouxera consigo. O cheiro que o cajado exalou ao ser queimado era muito bom e encheu a caverna toda, chegando às narinas do rei dos morcegos. (COSTA, 2012, p. 32).

O equilíbrio se restabelece na medida em que o rei dos morcegos sente o cheiro vindo da gruta do prisioneiro, a ponto de mandar chamá-lo para que lhe explicasse a origem daquele delicioso aroma.

Muito intrigado com aquele perfume, o rei mandou seus morcegos investigarem de onde vinha o cheiro. Quando lhe disseram que este vinha da gruta do prisioneiro, onde ele acendera uma pequena fogueira, o rei mandou buscá-lo e perguntou:

– Que madeira cheirosa é essa?

– É sândalo – disse Lakuwatu. (COSTA, 2012, p. 33).

Uma nova sequência surge a partir deste ponto da narrativa, a “**Intervenção de doadores**”, na qual o rei dos morcegos autoriza que seus súditos levem Lakuwatu às terras inferiores a fim de buscar bastante lenha de sândalo. Se Lakuwatu cumprisse tal feito, estaria livre. Tal ajuda corresponde a um tipo de intervenção, por meio do qual Lakuwatu poderia retornar às suas terras.

E assim aconteceu. Na noite do outro dia os morcegos o levaram ao lugar que ele indicou, perto da praia, e puderam apanhar muito sândalo. Mas logo, Lakuwatu viu que o rei não ia cumprir a promessa de libertá-lo em troca do sândalo, pois os morcegos começaram a levantá-lo do chão com suas garras. (COSTA, 2012, p. 33).

Movido por um rompante de perspicácia, Lakuwatu pede aos morcegos que o permitam ver sua família por uma última vez, ainda que rapidamente e ao longe. Nesse interím, recebe nova intervenção dos doadores e é levado à sua casa, conseguindo escapar de seus alçozes:

Lakuwatu foi levado pelos morcegos e, quando chegava perto de casa, deu um jeito de escapar das garras dos bichos e entrou correndo em casa. A casa estava cheia de gente. Os morcegos tiveram medo ao ver aquele povo todo e voaram logo dali. (COSTA, 2012, p. 33).

Nessa parte da narrativa, constata-se a última sequência proppiana “**O retorno do herói (estado final em que o equilíbrio é recuperado)**”, Lakuwatu consegue despistar os morcegos e se livrar do aprisionamento, mas fica curioso para entender o que tanta gente fazia em sua casa.

Logo soube que era um funeral e as pessoas estavam velando as suas roupas, uma vez que não haviam encontrado seu corpo. Todos já o julgavam morto. Ele ficou muito triste e muito indignado ao ver que desistiram de procurar por ele tão rapidamente, pois só haviam passado dois dias, desde que ele desaparecera.

Quando alguns conhecidos e familiares de Lakuwatu o reconheceram, ficaram muito assustados achando que era um fantasma. Mas ao pegarem nele, viram que estava vivo. (COSTA, 2012, p. 33).

Profundamente decepcionado com a atitude de seus familiares e conhecidos, Lakuwatu, embora tenha retornado à sua terra, opta por morar sozinho, longe de todos. E assim o faz até o dia de sua morte:

Ele não quis saber de falar com ninguém, pois tinha ficado muito chateado com todos. No outro dia cedo, foi para a praia perto das matas de sândalo e passou a viver ali junto do mar, numa cabana que construiu à sombra de uma grande pedra. Ali viveu e morreu. Sua família o enterrou ali mesmo, debaixo da rocha. (COSTA, 2012, p. 34).

Nota-se que o desfecho não remete ao casamento ou à coroação da personagem central, mas ao fim da vida em solitude. A praia envolta de sândalo teria sido a última morada, o último trono, de Lakuwatu.

Como é comum nas narrativas oriundas da tradição oral, há um ensinamento adquirido a partir do contato com a história. No caso de “Lakuwatu e o rei dos morcegos”, pode-se tomar como espécie de moral o fato de que se deve deixar como oferenda um pouco de vinho de palmeira amanhecido no sereno, antes de extrair o sândalo das matas perto do mar.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, buscou-se estabelecer as bases da construção da literatura timorense partindo da tradição oral até o registro escrito. Trata-se de uma nação que sofreu as agruras da colonização e da apropriação e que, portanto, busca (re)construir sua identidade partindo dos aprendizados transmitidos por aqueles que viveram no Timor desde os primórdios até os dias atuais.

A literatura, tida como um direito universal, apresenta importante papel no que tange à preservação do valioso tesouro constituído pelas narrativas timorenses transmitidas oralmente, de geração em geração, uma vez que apresenta em seu cerne elementos da memória coletiva, bem como do patrimônio cultural do país.

Nesse sentido, obras como “A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste”, do escritor brasileiro Geraldo Costa, prestam um essencial serviço ao ampliarem o repertório de leitores dos mais variados lugares e idades, disseminando narrativas que exaltam a cultura e a identidade desse povo lutador e resiliente que tanto tem a ensinar.

Referências

- COSTA, Geraldo. *A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste*. São Paulo: FTD, 2012.
- TIMOR-LESTE. *História*. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/?p=29>. Acesso em: 19 out. 2023.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2000.
- PAULINO, Vicente. As lendas do Timor e a literatura oral timorense. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 42, n. 2, p. 157-179, 2017. Doi: <https://doi.org/10.4000/aa.2175>
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Brasília: CopyMarket.com, 2001. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/3d/Propp_Vladimir_Morfologia_do_conto_maravilhoso.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.
- URBAN, Samuel Penteadó. Paulo Freire e a educação popular em Timor-Leste: uma história de libertação. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 10, n. 1, p. 76-100, 2017. Doi: <https://doi.org/10.18764/2358-4319.v10n1p76-100>

Recebido em 23 de outubro de 2023.

Aprovado em 29 de dezembro de 2023.

Resumo/Abstract

A tradição oral timorense (re)construída pelo literário: uma análise proppiana do conto “Lakuwatu e o rei dos morcegos”, de Geraldo Costa

Janaina Santos Silva Soggia

O presente estudo tem como objetivo analisar o conto “Lakuwatu e o rei dos morcegos”, do escritor brasileiro Geraldo Costa, publicado pela Editora FTD, na coletânea *A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste* (2012), ilustrada por Maurício Negro, tendo como premissa a elucidação da tradição oral timorense reconstruída pelo literário, com base nos postulados do folclorista e estruturalista russo Vladimir Propp em *Morfologia do conto maravilhoso* (2001), bem como no estudo de Vicente Paulino (2017) acerca da representação identitária timorense a partir de suas lendas e contos transmitidos oralmente ao longo do tempo.

Palavras-chave: tradição oral, Timor-Leste, conto.

The Timorese oral tradition (re)constructed by the literary: a Proppian analysis of the short story “Lakuwatu e o rei dos morcegos” by Geraldo Costa

Janaina Santos Silva Soggia

The present study aims to analyze the short story “Lakuwatu e o rei dos morcegos” by the Brazilian writer Geraldo Costa, published by FTD, in the collection *A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste* (2012), illustrated by Maurício Negro, having as its premise the elucidation of the Timorese oral tradition reconstructed by the literary, based on the postulates of Russian folklorist and structuralist Vladimir Propp in *Morfologia do conto maravilhoso* (2001), as well as on the study by Vicente Paulino (2017) on the representation of Timorese identity from their legends and tales transmitted orally throughout time.

Keywords: oral tradition, East Timor, short story.